

HOLÓFRASE E APONTAR: GRANDE DUPLA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Kátia Araújo de Lima (UFPB)

(kattyapreta@hotmail.com)

Ana Paula Bastos Oliveira (UFPB)

(anamotiv@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido com o intuito de compreender a relação entre a emergência do gesto de apontar e das holófrases para o processo de aquisição da linguagem, bem como relacionar a tipologia de apontares que surgem na primeira infância com os fragmentos enunciativos do bebê, onde a holófrase e o gesto formam um conjunto que não pode dissociar-se. Na realização de tal estudo, nos utilizaremos da teoria de McNeill (1985), que propõe que gesto e fala se encontram integrados numa mesma matriz de produção e significação, ou seja, observa-se que o gesto e as produções verbais são aspectos multimodais da aquisição da linguagem. Ainda sobre essa temática destacam-se os estudos de Bruner (1975, 1983), Kendon (2000), e Laver (2001). Sobre o termo holófrases, destacam-se os estudos de Scarpa (2009, p. 1), onde o termo holófrase designa os primeiros enunciados da entrada da criança na sua língua materna. Na produção da holófrase temos a presença de estruturas predicativas nas quais um dos termos é verbal e o outro buscado no contexto lingüístico mais amplo, através de gestos corporais. Para o desenvolvimento do referido trabalho, utilizaremos as perspectivas teóricas citadas acima, concomitantemente à análise de dados transcritos de vídeos, onde a díade mãe-bebê interage em situações extremamente naturalísticas. De uma forma geral, começamos analisando as teorias e transcrevendo os vídeos, posteriormente analisamos os dados e confrontamos a teoria com alguns fragmentos de vídeo que se sobressairam nas transcrições. Análises preliminares apontam que a holófrase possibilita a compreensão do cruzamento dos elementos lingüísticos que permitem visualizar o processo multimodal na aquisição da linguagem, ou seja, constitui-se um fenômeno privilegiado para se observar a matriz gesto e fala, assim como aponta que o gesto de apontar é um fator muito importante emergindo até mesmo antes da fala da criança.

1 - ESTUDOS AQUISICIONAIS

Algumas pesquisas das décadas de 70 e 80 (Ferguson (1964), Ruke-Dravina (1979) Garcina (1977, opt. cit CAVALCANTE 2001) sugerem que a voz da mãe, quando dirigidas às crianças, sofre algumas modificações, que na literatura, é o chamado “manhês”. As mães, ao se dirigirem aos seus bebês, se utilizam de entonação exagerada, repetições silábicas e alongamentos entonacionais, inserindo assim, a criança

em um meio em que todas as emissões sonoras são interpretadas por ela, que toma a criança como parceiro conversacional.

De acordo com Scarpa (2001) na vertente sociointeracionista os papéis dialógicos e as categorias lingüísticas se estabelecem por meio da interação dialógica, nessa interação, tanto a criança quanto o interlocutor (adulto/mãe) se tornam sujeitos do diálogo, ocorre segmentação das ações e dos objetos que estão no mundo físico e, a criança também participa da construção da sua língua.

É a partir desses esquemas interacionais, que as crianças incorporam, durante a trajetória da aquisição da linguagem alguns seguimentos da fala dos adultos. No começo das interações a criança é totalmente dependente da fala do adulto/mãe, com o passar do tempo adquire a competência de representar os desígnios, a atenção, bem como o conhecimento daquele que interage com ela tornando-se assim independente do enunciado do outro e passar então, a combinar vocábulos e fragmentos, com a finalidade de estabelecer comunicação com o interlocutor.

A literatura a cerca da aquisição e desenvolvimento da linguagem sugerem que língua e gestos estão diretamente ligados, formando um conjunto indissociável numa concepção multimodal da língua, essa perspectiva de McNeill (1985) propõe que gesto e fala se encontram integrados numa mesma matriz de produção e significação, afirmando que "a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato de fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados". Isto é, são constitutivos de um único sistema lingüístico.

Buscando uma definição para gesto, McNeill (2000) assegura ser este é um termo que necessita explicação, uma vez que não temos gesto no singular, mas gestos, no plural. Ele afirma que prefere o termo no plural, pois há diversos momentos em que precisamos distinguir movimentos corriqueiramente nomeados de gestos. Assim, o autor apresenta um contínuo para vários movimentos chamados de gestos, elaborado por Kendon (1982) e é conhecido como o "contínuo de Kendon"

Esse contínuo é formado pelos seguintes gestos: a gesticulação; a pantomima; os emblemas; a(s) língua(s) de sinais. A gesticulação distingue-se como os gestos que acompanham o fluxo da fala, envolvendo braços, movimentos de cabeça e pescoço, postura corporal e pernas, possui marcas da comunidade de fala e marcas do estilo individual de cada um; a pantomima são gestos que 'simulam' ações ou personagens executando ações, é a representação de um ato individual, tem um caráter de narrativa, pois envolve uma seqüência de micro ações; os emblemas ou gestos emblemáticos são aqueles determinados culturalmente (são convencionais) tais como o uso, em nossa cultura, do gesto que envolve a mão fechada e polegar levantado significando aprovação; a língua de sinais enquanto sistema lingüístico próprio de uma comunidade, no nosso caso, a LIBRAS¹.

Kendon (1982) organiza seu contínuo a partir de quatro relações estabelecidas entre gesto e fala: relação com a produção de fala (1); relação com as propriedades lingüísticas (2); relação com as convenções (3), relação com o caráter semiótico (4), conforme tabela a seguir:

	Gesticulação	Pantomima	Emblemáticos	Língua de sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala

¹ Língua Brasileira de Sinais.

Contínuo 2	Ausência de propriedades lingüísticas	Ausência de propriedades lingüísticas	Presença de algumas propriedades lingüísticas	Presença de propriedades lingüísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Extraído de McNeill (2000)

Ao analisarmos os tipos de gestos presentes neste contínuo da esquerda para a direita (Gesticulação – Pantomimas – Emblemáticos - Língua de Sinais) iremos perceber que a presença obrigatória de fala diminui, enquanto que a presença de propriedades lingüísticas aumenta e os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados.

A partir desse contínuo podemos concluir que há muito a dizer a respeito da relação gesto e fala enquanto matriz de significação, discussão que vem se colocando para a Lingüística a partir do momento em que a fala e a oralidade têm se destacado nas pesquisas atuais.

Sendo assim, entendemos por fala toda forma de produção discursiva com fins comunicativos na modalidade oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons proferidos e significativos, bem como aspectos prosódicos e uma série de recursos expressivos de outra ordem: gestualidade, movimentos corporais, mímica (MARCUSCHI, 2005).

A fala em sua caracterização é concebida na sua relação com recursos de outra ordem, como salienta Marcuschi (op. cit.). Isto é, a fala associa outras modalidades, caracterizando-se enquanto multimodal.

2 - RELAÇÃO GESTO FALA

No mundo da aquisição, Bruner, autor bastante conhecido, concebe o estudo da relação entre gesto e fala, como modalidades comunicativas de períodos distintos na aquisição da linguagem. Dessa forma, o uso do gesto seria característico do chamado período pré-lingüístico da criança e desapareceria em função da emergência da fala, do sistema lingüístico.

Com relação aos períodos pré-lingüístico e lingüístico, este autor defende a hipótese da continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e a verbal, assegurando que os comportamentos sociais do bebê são antecessores da linguagem verbal. Segundo o autor, a criança, antes de ter a capacidade de pronunciar uma sentença, precisaria acionar um conhecimento implícito construído no nível do ‘comportamento ostensivo’, não-lingüístico, em que gestos são interpretados pelo adulto como significativos. Assim, os comportamentos sociais do bebê seriam precursores do aparecimento da linguagem.

Outros autores se dedicaram à relação entre gesto e fala no processo de aquisição da linguagem, muitos deles destacando um gesto específico – o apontar. A literatura em

aquisição da linguagem no que se diz respeito a atividade referencial destaca o gesto de apontar como o mais explícito comportamento gestual, utilizado pela criança, para fazer referência a um dado objeto no mundo (BATES, O'CONNELL & SHORE, 1987).

Há pesquisas que vinculam a ontogênese do apontar à emergência de alguns termos na língua como 'dêixis' e 'atos de fala' (Bates, Camaioni & Volterra, 1987). Esta perspectiva concebe a vinculação deste e de outros gestos, no período de transição para a linguagem, como precursores dos performativos da língua (declarativos e imperativos). Tais gestos recebem a seguinte nomenclatura: protodeclarativos: são caracterizados quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro, e proto-imperativos: são caracterizados quando a criança usa o adulto para obter um dado objeto. A emergência de gestos protodeclarativos e proto-imperativos é notada quando a criança, começa a entender que suas próprias ações não são a origem de todos os eventos no mundo.

A caracterização destes comportamentos gestuais como protodeclarativos ou proto-imperativos estão inseridos no ato interativo. Segundo Dore (1979) sua caracterização é determinada a partir da interpretação dada pelo parceiro adulto ao comportamento gestual deflagrado pela criança. Desta forma, o "status" do comportamento deflagrado vai depender da interpretação que o adulto der a ele.

No que diz respeito às holófrases, os estudos de Scarpa se destacam. Segundo ela, Scarpa (2009), o termo holófrases designa os primeiros enunciados da entrada da criança na sua língua materna. Na produção da holófrase temos a presença de estruturas predicativas nas quais um dos termos é verbal e o outro buscado no contexto lingüístico mais amplo, através de gestos corporais (olhar, apontar, por exemplo).

De acordo com Scarpa na aquisição da linguagem

“o estudo do enunciado de uma palavra [holófrase] tem sido um recorte empírico privilegiado de questões que têm pautado a área na últimas quatro décadas. O enunciado de uma palavra é encruzilhada entre pré-lingüístico e lingüístico, o que necessariamente toca na questão crucial de continuidade e descontinuidade na literatura da área; e, como uma das consequências, o encontro entre a percepção no primeiro ano de vida e produção no segundo ano e subseqüentes.”

Além disso, tal como pontua a autora (2009), “os primeiros fragmentos da fala inicial não são emitidas num vácuo entonacional.” Há então, segundo a Scarpa, um conjunto de contornos (distintivos) encontrado desde o começo da produção destes fragmentos enunciativos.

Aliar as holófrases aos primeiros usos gestuais na infância permite observar a emergência de certos gestos tais como emblemas e pantomimas. Estes gestos são coincidentes com as primeiras produções verbais (holofrásticas), e num momento mais adiante, o surgimento da gesticulação – que por se relacionar ao fluxo da fala - vem aparecer por volta dos 15/18 meses, quando a criança já apresenta maior encadeamento verbal e sua produção de fala envolve blocos prosódicos maiores (CAVALCANTE; COSTA FILHO; ARAGÃO, submetido).

Como se observa, o lugar privilegiado da holófrase possibilita a compreensão do cruzamento dos elementos lingüísticos que permitem visualizar o processo multimodal na aquisição da linguagem.

E, como salienta Scarpa (2009, p. 6) a holófrase carrega ao mesmo tempo uma visão de redução – são sentenças reduzidas devido a fatores desenvolvimentais não-linguísticos; transitoriedade – indicam uma espécie de alavancagem para a estabilidade da língua; transição – espécie de ponte entre o estágio inicial e final da língua. Quer

dizer, dado sua especificidade, constitui-se um fenômeno privilegiado para se observar a matriz gesto e fala.

3 - METODOLOGIA E DISCUSSÕES

Como já foi dito anteriormente, para desenvolvimento do trabalho, começamos pela leitura das teorias e transcrições dos dados do laboratório do qual fazemos parte, o LAFE - Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (UFPB) – que dispõe de nove díades mãe-bebê. O período analisado das díades compreende a faixa etária que vai de 0 (zero) a 36 (trinta e seis) meses. Apresentamos estes dados através da tabela a seguir.

		Criança			Situação atual da díade
Díade	Sessões	Sexo	Idade na 1ª sessão	Idade na última sessão	Filmagens e transcrições
A	12	M	13m 23 d	21m 03 d	Concluídas
B	48	M	02m 00d	24m 00 d	Concluídas
C	48	F	00m 15d	24m 00 d	Concluídas
D	04	F	24m 24d	31m 00 d	Concluídas
E	11	M	11m 05 d	20m 28 d	Concluídas
F	05	F	24m 11d	29m 11 d	Concluída
G	05	M	28m 12d	32m 08 d	Concluída
H	02	M	04m24d		Concluída
I	04	M	09m 28d		Em andamento

Os dados correspondem a sessões quinzenais gravados em vídeo-cassete, hoje gravados em CDs, com duração média de vinte minutos cada, gravados em contexto o mais naturalístico possível na casa da díade (mãe\bebê). No intuito de dar mais visibilidade ao funcionamento multimodal ao longo da primeira infância, período que corresponde os três primeiros anos de vida da criança, as dados foram organizados em grupos assim distribuídos.

Grupo 1- Díades B; C; H

Faixa etária 0 a 24 meses

Grupo 2 – Díades A; E; I

Faixa etária 11 a 21 meses

Grupo 3 – Díades D; F; G
Faixa etária 24 a 32 meses

As transcrições são ordenadas por colunas, a da esquerda corresponde à linguagem materna e a da direita a linguagem do bebê. Utilizamos dois tipos de transcrição: uma transcrição segmental seguindo o IPA (Alfabeto Fonético Internacional) e uma transcrição ortográfica, abaixo da fonética, como forma de facilitar a leitura dos dados. As marcas suprasegmentais, descrição da qualidade vocal, registro, velocidade de fala, etc, aparecem em parênteses logo acima da transcrição fonética; as pausas vêm com seu tempo colocado em parêntese, por exemplo, (2s), representando uma pausa de dois segundos; as curvas entonacionais são delineadas na linha abaixo da transcrição fonética. A descrição gestual e outros recursos (expressões faciais, postura corporal olhar) são colocados em parêntese, na mesma linha da transcrição fonética. A seguir, a tabela utilizada para fazer as transcrições.

DÍADE: IDADE: SESSÃO: TRANSCRITOR

(A):

Contexto:

T	Olhar		Gesto	FALA/PROSÓDIA (MÃE)	FALA/PROSÓDIA (BEBÊ)	Gesto	Olhar	
	Obj	bb					Obj	Mãe

Uma das díades analisadas foi a díade I, do Grupo 2 que compreende os bebês na faixa etária entre 11 e 21 meses. Abaixo, poderemos ver um fragmento da sessão 6, onde o bb se encontra na idade de 1 ano e 1 mês.

	Mãe	Bebê
1	Dá uma	[comendo pipoca e assistindo TV]
2	Dá, dá pá mamãin [pedindo pipoca ao bb]	Bb olha para a mãe, aponta para a TV e da pipoca na boca da mãe

Neste fragmento, a mãe está junto com os bebês sentados no chão da sala em um natural momento de interação. O bebê que já anda e emite alguns balbucios interagem com a mãe a partir da fala da mesma. Podemos ver que, a mãe faz um pedido à criança no turno 1 enquanto a criança direciona seu olhar para outro meio, a mãe então faz novamente o pedido no turno 2, o bebê olha para ela, aponta o que ele está olhando e dá comida na boca da mãe.

Este fragmento torna-se muito importante, pois ocorre um gesto protodeclarativo que são caracteriza quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro, no caso do fragmento, a criança chama a atenção da mãe para o que ele está assistindo.

Em um segundo momento também na sessão 6 dessa mesma díade acontece outro fato bastante interessante, vejamos a transcrição.

Mãe	Bebê
1 Tá naum [procurando obj numa caixa]	[comendo pipoca e brinca com objeto]
2 I agora cadê? [olha para o bb]	Bb olha para a mãe e aponta para a caixa

Neste fragmento, a mãe está procurando um objeto para o bebê e não acha, declarando negativamente que tal objeto não está na caixa no turno 1. Já no turno 2, faz uma pergunta direcionada à criança a qual o bebê responde olhando para a mãe e apontando para a caixa, de forma a responder a pergunta feita.

Mais uma vez, vemos que o gesto de aponta aparece na interação como o mais explícito comportamento gestual, utilizado pela criança, para fazer referência a um dado objeto no mundo, no caso do fragmento, o gesto foi usado como resposta.

Em transcrições mais antigas, como por exemplo, a sessão 3, onde a criança tinha apenas 11 meses e 6 dias, o gesto de apontar já se fazia presente como podemos ver no fragmento abaixo.

Mãe	Bebê
1 Naum? Naum?? Ta xeroso naum?? Ta sim!! Hem, hem, ta sim! (Segurando o bebê)	Hum, Him. Hem (Olha para a mamãe e balança a cabeça de um lado para outro)
2 Oxem? Vai passíá? (Segurando o bebê)	Hêêê! Hi! Hêêê! (Estira o braço apontando alguma coisa no alto)
3 Vai da xau a papai? Papai! (Segurando um obj)	(Engatinhando pela cama calado)

Nesse momento de interação, a mãe faz algumas perguntas ao bebê no turno 1, para que ele se sinta motivado a respondê-la, porém o bebê apenas balbucia hêêê! hi! hêêê! e aponta algo do seu interesse, como podemos ver no turno 2, tirando o foco da mãe da pergunta feita há pouco. A mãe faz uma nova pergunta já no turno 3, mas o bebê desta vez, não fala nada e apenas engatinha pela cama. É perceptível que o bebê, por sua pouca idade, faz uso apenas de balbucios juntamente com o gesto de apontar para chamar a atenção da mãe. Esse gesto caracteriza-se então como elemento dêitico fundamental no estabelecimento da referência lingüística nas interações mãe-criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos fragmentos expostos, podemos concluir então que o gesto de apontar surge antes mesmo da linguagem caracterizando-se como um gesto pré-lingüístico, porém ele não desaparece com a emergência da língua.

Podemos compreender o gesto de apontar como um elemento dêitico que a vem a ser fundamental no estabelecimento da referência lingüística nas interações mãe-criança.

Assim, consolida-se a perspectiva do gesto de apontar como co-participe na matriz da linguagem.

Outra premissa confirmada com a observação dos fragmentos é a que gesto e fala formam um conjunto indissociável que se baseia na concepção de que o funcionamento da língua é sempre multimodal de McNeill, (1985).

No que diz respeito às holófrases aliadas aos gestos, podemos concluir que os gestos emergem junto com as holófrases, nas interações entre mãe e criança e que, tendo um lugar privilegiado a holófrase possibilita a compreensão do cruzamento dos elementos lingüísticos que permitem visualizar o processo multimodal na aquisição da linguagem. Dessa forma, por causa de sua especificidade, constitui-se um fenômeno privilegiado para se observar a matriz gestual e lingüística.

REFERÊNCIAS

BRUNER, J. The ontogenesis of speech acts. In: *Journal of child language*. Vol.2 Nº 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

CAVALCANTE, M. C. B. COSTA FILHO, J. M. S; ARAGÃO, A. L. The multimodal functioning of the language- gesture and speech- throughout the time in the interactions mother-baby. *Journal of Child Language*. Cambridge: Cambridge University Press. (Submetido para avaliação)

_____. A fala atribuída: as vozes que circulam na fala maternal. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: v, 36, n. 3, set, 2001.

KENDON, A. The Study of Gesture: someremarks on its history. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry* 2: 45-62, 1982.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Letramento como práticas sociais. In MARCUSCHI, L. A e DIONISIO, A. P. (Orgs.) *Oralidade e Escrita*. Belo Horizonte, Autentica/MEC/CEEL, 2005.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal?. *Psychological Review*. Vol 92(3) 350-371, Jul., 1985

SCARPA, E. M. O lugar da holófrase nos estudos de aquisição de linguagem. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 51(2): 187-200, Jul./Dez. 2009.